

Requisito: Entender o impacto da realização de uma Boa-ação

RESPEITO E O CUIDADO PELA NATUREZA A EXEMPLO DO FRANCISCO

Diz o Papa Francisco na *Laudato si'* que «nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde» (Ls 89) por tudo o que Deus criou. Diz-nos ainda o Papa Francisco que o coração humano é um só e que «quando o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade. Portanto, é verdade também que a indiferença ou a crueldade com as outras criaturas deste mundo sempre acabam de alguma forma por repercutir-se no tratamento que reservamos aos outros seres humanos. [...] A própria miséria que leva a maltratar um animal não tarda a manifestar-se na relação com as outras pessoas.» (Ls 92)

O coração naturalmente predisposto para esta comunhão universal e para o cuidado com todas as criaturas, e que havia de crescer e manifestar-se no cuidado com os outros e com o próprio Jesus, é o que vemos em São Francisco Marto. Francisco não diviniza os animais e a natureza, mas trata-os com um cuidado, ternura e atenção que lembra o do próprio Deus. Este relato que Lúcia faz nas suas *Memórias* acerca do Francisco, é sobre o seu primo antes das aparições do Anjo e de Nossa Senhora. Mesmo antes de lhe ter sido dado aquela que viria a ser uma experiência extraordinária da graça de Deus, ao qual Francisco aderirá de coração aberto e inteiro, Francisco já tem – como cada um de nós, como cada ser humano – a marca de um coração potencialmente orientado para a comunhão universal, para a qual Deus nos sonhou¹.

Francisco debruça-se sobre os lagartos e cobras cheio de esmero; «dos passarinhos gostava muito», não suporta a crueldade para com estes animais frágeis. Pelo contrário, Francisco partilha do que é seu para que cresçam com vida e liberdade.

No episódio do passarinho que “um pequeno trazia não mão... que tinha apanhado”, o Francisco revela a extensão do seu cuidado responsável. Para devolver a liberdade ao pássaro – aquela liberdade que lhe é devida, enquanto criatura, a liberdade que lhe permite *ser pássaro*, ser aquilo que Deus lhe destinou a ser – Francisco dispõe-se livremente a fazer um esforço, um sacrifício para restituir a ordem sã em prol da comunhão universal desejada por Deus, livre de uma manipulação em favor do próprio capricho: Francisco consente em percorrer cerca de dois quilómetros para trazer duas moedas para o rapaz que segurava o pássaro; e Francisco dá-lhe a liberdade.

O respeito e o cuidado com a natureza começam num coração que ama e que, por isso, deseja a vida, o bem e a beleza das criaturas, ainda que prescindindo do próprio capricho ou eventualmente implicando algum sacrifício pessoal.

Das Memórias da Irmã Lúcia

«Brincava com os lagartos e cobras que encontrava; fazia-as enrolar-se à volta dum pau; deitava-lhes, nas covas das pedras, leite das ovelhas, para que o bebessem. Metia-se nas covas, à procura das louras das raposas, dos coelhos e ginetes, etc. **Dos passarinhos gostava muito; não podia ver que lhes roubassem os ninhos. Migava sempre parte do pão que levava para a merenda, no cimo das pedras, para que eles o comessem;** e, afastando-se, chamava por eles, como se o entendessem, e não queria que ninguém se aproximasse, para não lhes meter medo. – Coitadinhos! Estão cheios de fome – dizia, falando com eles. – Venham, venham comer! E eles, com o olho vivo que têm, não se faziam rogar; e lá vinham em grandes ranchos. Era, então, a sua alegria, vê-los voar para o cimo das árvores, com o papinho cheio, a cantar, numa chilreada medonha que ele imitava com arte, fazendo coro com eles. **Um dia encontramos um pequeno que trazia na mão um passarinho que tinha apanhado.** Cheio de pena, **o Francisco prometeu-lhe dois vinténs, se o deitasse a voar.** O rapaz aceitou o contrato, mas, antes, queria o dinheiro na mão. **O Francisco voltou, então, a casa,** da Lagoa da Carreira, que fica um pouco abaixo da Cova da Iria, **a buscar os dois vinténs, para dar liberdade ao prisioneiro.** Quando, depois, o viu voar, **batia as palmas de contente** e dizia: – **Tem cautela! não te tornem a apanhar.**» (*Memórias da Irmã Lúcia*, 157-158)

No que ele se entretinha mais, quando andávamos pelos montes, era sentado no mais elevado penedo, a tocar o seu pífaro ou a cantar. Se a sua irmãzinha descia para comigo dar algumas corridas, ele lá ficava entretido com as suas músicas e cantos. O que ele cantava com mais frequência era:

Amo a Deus no céu / Amo (-O) também na terra / Amo o campo, as flores / Amo as ovelhas na serra.

Sou uma pobre pastora / Rezo sempre a Maria / No meio do meu rebanho / Sou o sol do meio-dia.

Com os meus cordeirinhos / Eu aprendi a saltar / Sou a alegria da serra / Sou o lírio do vale. (MIL 138)

AUXÍLIO AO OUTRO

Das Memórias da Irmã Lúcia

Havia aí uma velhinha, a quem chamávamos Ti Mari' Carreira, a quem os filhos, às vezes, mandavam pastorear um rebanho de cabras e ovelhas. Estas, pouco domesticadas, às vezes tresmalhavam-se-lhe umas para cada lado. Quando a encontrávamos assim aflita, o Francisco era o primeiro a correr em seu auxílio. Ajudava-a a conduzir o rebanho à pastagem, juntando-lhe as que se tinham tresmalhado. A pobre velhinha desfazia-se em mil agradecimentos e chamava-lhe o seu Anjinho da guarda. (MIL 158)

1. Nota importante para os educadores: a missão de educar pode entender-se como a de facilitar o desenvolvimento desta potência para o bem, para a comunhão, segundo os dons de cada um.

